A Mulher Puritana



David Lipsy

EDITORA
OS PURITANOS

SUMÁRIO

I. A Jovem Filha Puritana 3
II. A Jovem Mulher Puritana 4
Educação 4
"Seja Útil" 8
Cortejando 11
III. A Esposa Puritana 13
Submissa e Subordinada 15
Consoladora e Companheira Íntima 17
Seus Deveres 18
Com relação a seu Marido 19
A Estabilidade do Casamento 20
Amor 21
VI. A Mãe Puritana 23
Educação das Crianças 24
V. Conclusões 26

I. A Jovem Filha Puritana

A jovem puritana era ensinada desde a mais tenra idade naquilo que diz a Escritura: "*Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor porque isto é justo*". Não é o caso de apenas poder fazer o que é certo, justo, onde a obediência filial é exigida pelo superior e obedecida em submissão pelo inferior. Não, antes, a ênfase recairá naquilo que é certo fazer: agradar ao Senhor.

Os pais dela sabiam que a família é a sociedade original, o alicerce para todas as outras. Se a filha fracassasse nessas lições elementares de obediência, submissão, respeito, compaixão, etc., ela seria inadequada como futura esposa, mãe, para não mencionar como alguém que deveria dessa maneira servir a Deus. John Angell James escreve: "Quem não sabe que a base da qualidade de um império está na constituição doméstica, e em famílias bem treinadas?".

A primeira professora da filha puritana era geralmente sua mãe. As lições eram práticas e por natureza necessitavam de uma participação ativa considerável. Os deveres domésticos abundavam, já que a mulher puritana não era apenas esposa e mãe, mas também costureira, contadora, às vezes senhora sobre uma ou mais servas, e dominava outros empreendimentos domésticos não muito distantes da cena bíblica ilustrada em Provérbios 31.

Os pais, especialmente as mães, procuravam ressaltar certas qualidades em suas filhas. Qualidades essas que a mãe procurava ela mesma cultivar. Entre essas qualidades estava um senso de submissa obediência, ternura, que um autor caracterizou como um "poder passivo... que antes atrai em vez de dirigir", autonegação, fortaleza ("não", diz um escritor, "a coragem que leva os homens à boca do canhão... mas aquela que é manifestada ao se suportar sofrimento físico, o dano da pobreza... as trevas da solidão..." etc.), assim como um caráter de amor.

Eu levaria mais que uma conferência inteira para sumarizar de forma adequada até mesmo o Volume Um do puritano John Angell James sobre Female Piety (A Piedade Feminina), um livro do qual vocês irão ouvir não poucas citações a partir de agora.

Mais cedo do que em nossa sociedade, a moça puritana amadurecia precocemente e entrava no próximo estágio em sua jovem vida...

II. A Jovem Mulher Puritana

Educação

Os puritanos eram conhecidos por sua devoção à educação em todos os níveis. Jeremiah Burroughs uma vez escreveu: "Há pouca esperança em crianças que são educadas de forma ímpia. Se a cor está na lã, é difícil tirá-la da roupa".

Os estatutos do Emmanuel College, a faculdade mais puritana no antigo Cambridge, afirmam: "Há três coisas que desejamos acima de tudo que todos os membros desta faculdade possuam, a saber, a adoração a Deus, o crescimento na fé e integridade (honestidade, sinceridade) moral".

Em certa ocasião, quando o reformador John Knox se dirigiu ao Conselho da Escócia, ele disse ser "muito cuidadoso para com a educação virtuosa e piedosa dos jovens deste reino" para "o avanço da glória de Cristo".

Entre os primeiros documentos pertencentes à fundação da Faculdade de Harvard encontramos: "Que o estudante seja sempre plenamente instruído e seriamente pressionado a considerar bem que o principal fim de sua vida e de seus estudos é conhecer a Deus e Jesus Cristo, que é a vida eterna (João 17:3) e por isso colocar Cristo na base, como o único alicerce de todo conhecimento e aprendizado saudável".

Um modo de frustrar Satanás, pensavam os puritanos, era educar as pessoas na leitura e estudo da Bíblia. Anos antes, Lu-

tero havia escrito: "Eu não aconselharia ninguém enviar seu filho aonde as Sagradas Escrituras não são supremas". Hoje, nós também educamos nossos filhos a lerem. Alguma vez já lhes falamos que o uso primário de suas habilidades para a leitura deve ser para pesquisar as Escrituras? Ainda nos primórdios da Universidade de Harvard, os estudantes eram obrigados a ler as Escrituras em privado (de forma não pública – NE) duas vezes ao dia examinando-a dentro do possível. Nós temos essa prática em nossos lares? Nós conversamos com nossos filhos acerca de seu dia na escola, particularmente sobre o que eles aprenderam das Escrituras nesse dia? Nós procuramos verificar pessoalmente que, se nossos filhos freqüentam uma escola, essa escola é verdadeiramente centrada na Bíblia?

A educação puritana era de forma ampla uma responsabilidade dos pais. O pregador puritano inglês Thomas Gataker escreveu uma vez: "Que os pais possam aprender... o que almejar na educação de seus filhos... não estudar apenas a maneira como providenciar-lhes um dote... mas labutar por treiná-los na verdadeira sabedoria e discrição". Leland Ryken, um notável historiador puritano, escreveu: "É importante notar que os escritores puritanos, no assunto [da educação] dirigem a maior parte de suas observações acerca do objetivo da educação cristã aos pais e não aos educadores. Na visão puritana, a educação cristã começa em casa e é, em última instância, responsabilidade dos pais. As escolas são uma extensão da instrução e valores dos pais, não um substituto para eles". Que nós nunca possamos achar que outra pessoa agora tenha a responsabilidade pela educação de nossos filhos, responsabilidade tal que nós prometemos assumir no batismo.

O objetivo da educação puritana não era, em primeiro lugar, inteligência. Milton, em seu tratado clássico sobre educação, põe muito menos importância em quanto uma pessoa sabe do que no tipo de pessoa que ele ou ela é no processo de se transformar – especialmente no relacionamento dele ou dela com

Deus. É esta a nossa verdadeira principal preocupação? É isto o que nós estamos procurando na educação de nossos filhos, seja em casa ou na escola?

Os puritanos, como nós, enfatizavam uma bem modelada educação nas artes liberais. Mas eles sempre enfatizavam que os vários assuntos devem sempre ter um objetivo religioso. Eles não queriam uma distinção entre assuntos religiosos e os assim chamados assuntos naturais (seculares). Todos deviam estar a serviço da glória de Deus e todos deviam ser para o aprimoramento de nosso semelhante. As moças puritanas, seja em casa ou na escola, e como meios permitidos, estudavam uma variedade de assuntos. Além de religião, muitas foram escolarizadas em leitura, caligrafia, música (escrita), matemática (da simples aritmética à geometria ou álgebra), geografia, história, filosofia e línguas. William Sprague, em seu Letters on Practical Subjects to a Daughter (Cartas a uma Filha sobre Assuntos Práticos), escreveu, entretanto, esta advertência: "Embora você possa se distinguir muito no cultivo intelectual... você não pode proclamar ter uma educação completa, a menos que esteja bem familiarizada com a economia doméstica". Como nota à parte – observe como o termo "economia doméstica" não é um termo cunhado por educadores modernos. "Eu estou consciente", ele continua, "de que este é um assunto que, de uma forma ou outra, muitas jovens consideram com forte aversão; e há razões para se temer que, em muitos casos, esta aversão é aumentada ao receberem em algum grau a sanção dos pais... Mas nada que esteja relacionado com a superintendência e direção imediata dos cuidados do lar você pode negligenciar sem expor a si mesma as inconveniências que nenhum futuro empenho poderá ser capaz de remediar completamente".

No fim, a ênfase dos puritanos na educação sempre retornava ao lar. John James escreveu: "O momento decisivo na educação é o ponto de partida". Benjamim Palmer, comentando o texto "Pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na

disciplina e admoestação do Senhor" escreve: "A referência é claramente à família como uma escola de treinamento. Os filhos não nos são dados simplesmente para os desfrutarmos e cuidarmos, mas para serem educados – para serem educados para esta vida e para a vida por vir".

A moça puritana, a despeito de qualquer outra coisa que ela pudesse aprender, podia esperar muito de sua educação para se preparar para seus deveres futuros no lar. A típica moça puritana nunca freqüentava a universidade. Seria vista com horror e até mesmo reprovada publicamente se ousasse publicar alguma coisa que ela mesma tivesse escrito.

No século vinte, nossas idéias têm de certo modo se modificado. Todavia, eu poderia imaginar os puritanos, se eles vivessem hoje, nos fazendo uma pergunta importante: "Por que,", eles ficariam a imaginar, "se a vasta maioria de suas moças terminam casando e criando filhos, vocês freqüentemente gastam esse tempo e dinheiro considerável treinando-as para aquilo que elas não usarão? E por que gastam comparativamente tão pouco na preparação para aquilo que elas, sendo vontade de Deus, muito provavelmente farão?". Em outras palavras, por que encorajar o estudo de química, cálculo, língua avançada, etc., etc., e não treiná-las mais extensivamente em como ser uma esposa bíblica ou uma mãe bíblica? "Por que", perguntariam, "elas aprendem mais sobre notebook do que agulha e linha? Por que mais sobre fórmula quadrática do que as fórmulas que são calculadas para melhorar a saúde de seu esposo ou filhos?". Eu não tenho certeza se poderia responder-lhes adequadamente.

Talvez alguém possa responder que algumas esposas e mães são também, ao mesmo tempo, mulheres com profissão de tempo integral. A puritana típica, com uma mistura de grave preocupação e suave espanto, perguntaria em resposta: como seria possível que cristãos, de todos os povos, ousassem revirar a ordenança da própria criação de Deus e Seus plano para as

mulheres, de cabeça para baixo pedindo-lhes que sacrifiquem um tempo precioso e energia de seus chamados primários dados por Deus e desviá-las para fazer aquilo que Deus dá normalmente para os homens. Depois de ensinar como mulheres não casadas deviam trabalhar para seu próprio sustento, John James comenta que "no casamento... o marido deve ganhar com o suor de seu rosto, não apenas seu próprio pão, mas o de sua família". Na sociedade puritana era bem-estabelecido que um dos deveres fundamentais do homem no casamento era prover sua esposa e família com roupas e alimento adequado. Para ele, pedir que sua esposa faça isso, exceto em circunstâncias que o privem de assim o fazer, era considerado paganismo. A justiça até mesmo reconhecia este sustento como parte essencial de dívida à mulher como virtude do casamento.

É possível, amigos, que nós realmente precisemos considerar se de fato estamos prestando atenção suficiente, tanto em casa como na escola e nos círculos da igreja como um todo, ao tipo e quantidade de preparação que nossas moças recebem para aquele chamado que a maioria delas um dia ocuparão: aquele de esposa e mãe? Nossas escolas estão fazendo isso? Elas fazem isso o bastante? Como pais, nós estamos impingindo em nossas moças e senhoras uma alta consideração para com o abençoado lugar que Deus designou para a maioria das mulheres: o de esposa e mãe?

"Seja Útil"

Os puritanos sabiam como medir a utilidade das instituições de educação. Certo puritano escreveu este sintetizado padrão para avaliar a escolaridade de uma jovem: "Quando uma jovem volta para casa, se ela não é tão boa filha quanto era antes, qualquer que tenham sido as aquisições que ela possa ter adquirido na escola, teria sido melhor ela não ter ido para lá".

Se a escola e a igreja de fato tiverem enfatizado esses valores louváveis, os puritanos preveniriam aos pais a que não anu-

lassem o que essas instituições tinham feito por essas filhas. O puritano Richard Greenham avaliou essa advertência, dizendo: "Se os pais têm seus filhos abençoados na igreja e na escola, que eles tomem cuidado para que não dêem a seus filhos nenhum exemplo corrupto em casa... De outra forma, os pais lhes causarão mais danos em casa do que o bem que pastores e professores possam lhes fazer fora". George Swinnock vai ainda mais ao ponto: "Alguns pais", ele escreveu, "como Eli, criam seus filhos para a ruína de sua casa".

Nos dias do puritano John Angell James, havia também e da mesma forma, tendências educacionais para a distorção, de um tipo não desconhecido entre nós hoje, que estavam então tentando interromper o treinamento das moças puritanas. Ele escreve: "Na educação moderna, quanto não é programado, se não intencionado, mais para preparar nossas mulheres de modo que se fascinem nos círculos da moda e nas festas, do que para brilhar no retiro de sua casa. Polir o exterior com aquilo que é chamado realizações, parece mais ser a finalidade do que dar um sólido substrato (i.e., fundamento) de piedade, inteligência, bom senso, e virtude social. Nunca houve um assunto menos bem compreendido que educação. Armazenar a memória com fatos, ou cultivar um gosto musical, canto, desenho, línguas, e corte-costura, são o ultimato para muitos. O uso do intelecto no sentido de reflexão profunda, juízo são, discriminação acurada não é ensinada como deveria ser". "O que James almeja para a educação das moças?", você poderia perguntar. A resposta seria: "Eu quero que elas sejam adequadas [de modo que possam] treinar homens e mulheres que serão o suporte da força e glória da nação".

A moça puritana era educada, não apenas em casa e na escola, mas também na igreja. Em uma série de sermões sobre educação religiosa de crianças, Phillip Doddridge, dirigindo-se a jovens, disse: "Primeiro, sejam dispostos a aprender as coisas de Deus. Segundo, orem por aqueles que lhes ensinam. Terceiro, atentem para que

não aprendam em vão". No mesmo sermão ele continua, a certa altura, dirigindo-se aos desatentos e também aos jovens piedosos, todos que estavam chegando à maturidade. Como mais e mais das nossas congregações recebem pastores de si mesmas, pela graça de Deus, eu penso que presbíteros, e especialmente os pastores, precisam mais e mais dar assistência aos pais dirigindo pelo menos parte de suas mensagens a nossas crianças sentadas na igreja.

A esse respeito, eu tenho citado hoje largamente o extenso livro escrito pelo puritano John Angell James sobre Piedade Feminina. A moça puritana a quem ele se refere, embora possa não ter tido uma educação universitária, deve ter sido pelo menos tão inteligente quanto muitas de nossos dias atuais graduadas no ensino médio. Uma mente precariamente educada teria tido considerável dificuldade em acompanhar seu raciocínio agudo e, às vezes, elevado vocabulário. O mesmo poderia ser dito do puritano A Guide for Young Disciples (Um guia para Jovens Discípulos) de J. G. Pike. Talvez nós devamos pensar duas vezes antes de sentirmos pena da assim chamada escassa educação formal das moças puritanas. Depois de ter me preparado para este tópico eu receio que muitas moças aprenderam mais de real substância nos poucos anos de estudo que elas tiveram do que muitos de nós em talvez duas vezes os mesmos anos.

A educação puritana era sempre considerada um meio para um fim útil. Utilidade quase nunca era medida em termos de riqueza ou realização pessoal, mas em termos de serviço para a família e para outros. Tanto antes como depois do casamento, a jovem moça puritana era freqüentemente encorajada a, na linguagem puritana clara, "ser útil". Dirigindo-se a mulheres, baseado em Filipenses 4:3, onde se lê sobre aquelas mulheres que "juntas se esforçaram comigo no evangelho", o puritano John James escreve página após página despertando as mulheres, não "a fazerem prosélitos de uma denominação para outra", mas ao "trabalho mais nobre e santo de salvar as almas de criaturas suas semelhantes, especialmente aquelas de seu próprio

sexo...". Ele acrescenta uma advertência, contudo. "O caminho do zelo religioso é freqüentemente sobre uma vastidão, sobre pedras pontiagudas e rochas descobertas... Vocês terão que fazer sacrifícios de tempo, conforto, diversão, sentimentos, talvez de amizades; vocês terão que suportar dificuldades, e deparar-se com muitas coisas desagradáveis; vocês terão que estar preparadas para abandonar a vontade-própria... reivindicações por proeminência. Vocês podem ser zelosas de boas obras em tais termos? Se sim, vamos; se não, volte". Fiel à forma puritana, o escritor prossegue descrevendo quais características espirituais eram pertinentes para esse trabalho e depois continua a destacar "os meios nos quais seu zelo pode ser empregado apropriadamente ao seu sexo, idade e circunstâncias".

Qualquer moça podia ser útil. O mesmo autor ilustrou este ponto contando uma história sobre uma menina que ficou ofendida com o fato de várias lojas em sua vizinhança estarem abertas no domingo. Ela foi até seu ministro e pediu por folhetos sobre a observância do Dia do Senhor, colocou-os em envelopes e deixou-os nas casas da vizinhança. Sete lojas acabaram por fechar aos domingos. Os puritanos, fossem meninas ou homens maduros, não eram pessoas do tipo "não-fazemos-nada". Mas, muito do que eles fizeram, fizeram com séria preparação, consulta sábia e ação em oração. Uma pergunta para nós é: "Nossas filhas são úteis no sentido bom e correto da palavra?". E quanto a isso, nós somos?

Cortejando

Ao preparar-se para pensar em casamento, era típico ser dito à jovem puritana que afeição estável de ambos os lados em um relacionamento era geralmente um sinal de apoio divino ao casamento. Todavia, ela não devia necessariamente procurar por alguém a quem ela amasse naquele exato momento, mas por alguém a quem ela poderia amar de forma permanente. Esta é uma importante distinção (expandir-emoção vs. critério).

A moça puritana era ensinada que o amor pelo Senhor devia vir primeiro e o amor humano devia alimentar esse amor e não desviá-la dele. Contudo, o amor marital, uma vez que o homem e a mulher estivessem unidos, devia ser igual ao da igreja por Cristo, embora subserviente ao amor dela pelo Senhor.

Packer nos fala que o homem puritano típico oraria muito e pensaria bastante sobre uma companheira em potencial. Que ela fosse uma cristã séria era uma condição. (Faça uma pausa e considere isto.) Beleza de mente e caráter era enfatizado bem mais que beleza externa. Uma avaliação completa do caráter da moça precederia a corte. Como isso era feito? Ele tentaria descobrir sua reputação, observar como ela costumava agir na convivência com outras pessoas, como se vestia e conversava, e a quem ela selecionava para seus amigos. O puritano Robert Cleaver escreveu: "Escolhe uma companheira para tua vida como antes escolhestes companhias iguais a ti". Os puritanos Dod e Cleaver em seu A Godly Form of Household Government (Uma Forma Piedosa de Governar a Família) afirmam: "Vejam um ao outro comendo e acordando, trabalhando e brincando, conversando, rindo e desaprovando também; ou, caso contrário, pode ser que se tenha um para com o outro menos do que se procurava, ou mais do que desejassem".

Os puritanos usavam o modelo bíblico de cortejar, experimentado e verdadeiro, em lugar do modelo moderno, em lugar das práticas mundanas do namoro de hoje. Eles tinham pouca esperança para com aqueles casais cujas afeições se sobrepunham à razão. De forma típica, a razão era empregada em primeiro lugar na procura de um parceiro e as afeições deveriam segui-la obedientemente. Talvez seja uma surpresa para nós, mas eles freqüentemente conseguiam.

Quando um certo Michael Wigglesworth desejou persuadir uma mulher piedosa a casar-se com ele, ele escreveu-lhe, não proclamando um amor violento por ela, mas, em vez disso, fez cuidadosamente uma lista de dez razões pelas quais ela deveria

casar com ele e depois respondeu a duas objeções à união deles levantadas por ela. Embora a primeira das razões dele se assemelhe ao amor romântico com que todos nós estamos muito familiarizados – "meus pensamentos e coração têm sido somente por você desde" nosso primeiro encontro - as outras razões não foram produtos de paixão, mas de piedade.

Na razão dois nós lemos que "mesmo buscando a Deus de forma séria, fervorosa e freqüente por orientação e direção em uma questão tão séria, meus pensamentos ainda têm sido determinados e fixos em você como a pessoa mais adequada para mim".

Razão três: "A isso eu não tenho sido levado por fantasias (como muitos são em casos assim), mas por um raciocínio e julgamento saudável, principalmente amando e desejando você por aqueles dons e graças que Deus lhe deu, e visando a glória de Deus, a beleza e promoção do evangelho. O bem espiritual, bem como o bem exterior de mim mesmo e de minha família, juntamente com o seu bem e de seus filhos, como meus objetivos, induzem-me a isso".

Para encurtar a história: a senhora casou com Wigglesworth.

Que pai hoje não invejaria tal pretendente para sua filha? Nossa forma de aproximarmos uma relação em nossos dias atuais não está talvez nos afastando desta preparação séria para o casamento? Uma conclusão errada à qual não queremos que se chegue é dizer que os sentimentos do amor não são importantes. Os puritanos apenas não os consideravam de todo-importante. O amor tinha que ser precedido e temperado com considerações sérias, espirituais.

III. A Esposa Puritana

Para os puritanos, a ligação do matrimônio era considerada "a fonte e raiz principal e original de todas as outras sociedades". Em outras palavras, se os casamentos não eram bons, como po-

deria a igreja ou a sociedade ser? Nós vamos considerar a esposa puritana em vários de seus papéis.

Como Amiga e Companheira

John Angell James escreve que no estado do casamento a esfera de trabalho da mulher é sua família. Em muitas tribos não-civilizadas onde o cristianismo é desconhecido, ele observa, a esposa "é quem trabalha duro, enquanto o marido vive em insolente preguiça". O cristianismo verdadeiro, diz James, libera a mulher disso.

Os deveres da mulher cristã começam em casa, estando ela no centro, em primeiro lugar depois de seu marido. Numa seção comovente em seu livro Female Piety (Piedade Feminina), James escreve: "Na vida de casada, ela deve ser sua companheira constante, em cuja sociedade ele deve achar alguém que se una a ele mão com mão, olho com olho, lábio com lábio e coração com coração: a quem ele pode desabafar os segredos de um coração pressionado pelos cuidados, ou oprimido por angústias; cuja presença ela tem como prioridade perante toda a sociedade; cuja voz será para ele sua música mais doce; cujo sorriso, sua luz do sol mais brilhante: de quem ele se afastará com pesar, e a cuja conversa ele retornará com pés ansiosos, quando o labor do dia tiver terminado; quem caminhará próximo de seu coração amoroso, e palpitará o pulso de suas afeições quando os braços dela se apoiarem nele e forem pressionados em seu lado. Nos momentos de conversa a sós ele lhe falará de todos os segredos de seu coração; encontrará nela todas as capacitações, todos os estímulos, da mais terna e encarecida sociedade; e em seu gentil sorriso e loquacidade, gozará de tudo que possa ser esperado em quem foi dado por Deus para ser sua companheira e amiga".

Em suma, a esposa puritana foi dirigida para consolar e animar seu marido, aliviar seu fardo compartilhando-o. Ela também deve ser sua confidente e conselheira. James continua: "Nem ela deve ser negligente em oferecer, nem ele negligente

em receber os conselhos de sabedoria que ela possa sugerir com prudência, muito embora ela possa não ter íntima familiaridade com todas as complicações dos negócios deste mundo".

Alguém pode pensar que os puritanos eram contraditórios em alguns aspectos com relação à influência que a esposa puritana deveria exercer. Por um lado, John James admiravelmente cita Adolpe Monod, que escreveu: "A maior influência na terra, seja para bem ou para mal, é possuída pela mulher". Todavia, qualquer pessoa que pegue qualquer escrito puritano na questão do casamento encontrará duas palavras, submissão e subordinação, literalmente pontuando as páginas. Como é possível ela ser submissa e, todavia, tão influente? Este é um segredo que nossa triste geração precisa extremamente redescobrir.

Submissa e Subordinada

Submissão, subordinação: estas são, para a maioria das mulheres hoje, palavras que soam como danosas, quando usadas no contexto do casamento. Muitas mulheres ocidentais modernas preferem pensar acerca do casamento em termos de igualdade, cooperação, como um time, e expressões como essas. Para os puritanos, e, de fato, de acordo com Ef 5:22ss, quando uma mulher, uma esposa, perde de vista os conceitos fundamentais da submissão e subordinação com respeito a seu marido, isso não é menos herético que se a igreja perdesse de vista sua submissão a Cristo. Apesar da freqüente menção dessas palavras, contudo, os puritanos não equacionavam subordinação à serventia. Uma mulher, agindo como Deus a designou para agir, era considerada um bem poderoso para qualquer marido, família e nação, e uma mulher que conhecia a alegria de fazer a vontade de Deus.

Não cometa erro, os puritanos não eram insensíveis às freqüentes circunstâncias difíceis da mulher. Nem eram eles, mesmo em sua época, privados de críticas pela sua insistência no papel submisso da mulher. John Angell James escreveu: "Mas

talvez se faça a pergunta se eu trancaria toda mulher casada dentro do círculo doméstico, e, com o ciúme e autoridade de um déspota oriental, a confinaria em sua própria casa; ou se eu a condenaria e a degradaria ao mero trabalho penoso do lar". Veja você, a mentalidade feminista não está limitada ao século XX, mas tem um pé em todas as gerações desde a queda. James continua a dizer: "Ela, com meu consentimento, nunca afundará saindo do lado de seu marido para ser pisada sob seus pés. Ela não terá um raio de sua glória extinguida, nem será desprovida de uma única honra que pertença a seu sexo; mas ser a instrutora de seus filhos, a companheira de seu marido, e a rainha consorte do estado doméstico não é nenhuma degradação; e ela é degradada apenas para quem pensa assim". Embora ele conceda a influência dela tanto na esfera social e entre seus amigos como em sua própria casa, ele adverte que "festas incessantes do prazer e círculos constantes de entretenimento não são a sua missão, mas, sim, contrapor-se e impedir essas coisas". Não se deve esquecer que a porção do homem puritano na vida era freqüentemente de monotonia, dificuldade e sacrifício. A vida era simplesmente difícil, para toda a família. Eu gostaria de encontrar novamente a brilhante citação de J.I. Packer a este respeito, mas o âmago da questão era que os puritanos não faziam sempre coisas extraordinárias de forma excelente, mas a força deles era que, pela graça de Deus, eles fizeram coisas ordinárias de um modo excelente.

Benjamim Morgan Palmer escreve: "Ao assumir a relação de esposa, uma mulher se rende muito; ainda é uma rendição". Ele continua dizendo que ela era certamente mais independente antes do casamento, mas voluntariamente abre mão dessa independência em favor das vantagens do casamento, mais do que era compensador por sua perda. Ele escreve: "Comparando os dois, ela deliberadamente escolhe ser menos livre a fim de ser mais feliz, e, por isso, ela se submete... Longe de ser desonrada em sua subordinação, essa é por toda a vida uma consagração conscienciosa de si à condição de sua escolha".

Em adição a isso, Palmer escreve: "A submissão dela é, portanto, uma fonte de honra. Ela não é humilhada com isso, mas exaltada... Não é um sacrifício sem compensação. Ela abre mão da independência, mas adquire controle... Ela acha uma satisfação cheia de descanso em aderir sua confiança, apoiando-a em uma estrutura mais forte que a sua própria". Palmer continua a dizer que, embora ela ganhe responsabilidade e autoridade ao guiar seu lar, ela não é sobrecarregada normalmente a carregar o peso sozinha. Se seus filhos forem educados de forma apropriada, a sua subordinação como esposa será mais do que compensada quando ela for elevada à "supremacia de rainha como... mãe".

Consoladora e Companheira Íntima

A esposa puritana ideal não era nenhum sargento treinado ou estóica. Ela também não era nenhuma serva ou alguém condenado a levar sempre chá de cadeira. Esses são todos estereótipos impingidos aos puritanos por historiadores ignorantes. Considere estas citações dos próprios puritanos:

> "A esposa é uma ordem para o homem: como uma pequena Zoar, uma cidade de refúgio aonde fugir em todos os seus problemas: e não há nenhuma paz comparável a ela, a não ser a paz de consciência".

> "Uma boa esposa sendo... a melhor companheira na fortuna; a mais adequada e pronta assistente no trabalho; o maior conforto nas tribulações e pesares; e a maior graça e honra que pode haver a quem a possui".
> "É receber misericórdia ter uma amiga fiel que o ama inteiramente... a quem você pode abrir sua mente e comunicar seus assuntos... e é receber misericórdia ter tão perto uma amiga que seja auxiliar a sua alma... a incitar em você a graça de Deus".

"Deus, o primeiro Instituidor do casamento deu a esposa ao marido para ser, não uma serva, mas sua auxiliadora, conselheira e consoladora".

Richard Baxter, escrevendo sobre os deveres do marido e da esposa, nos dá uma olhada de primeira-mão dentro do coração do relacionamento marital puritano:

1. Amar inteiramente um ao outro e por isso escolher uma que seja verdadeiramente amável...; e evitar todas as coisas que tendem a sufocar seu amor.

2. Morar juntos, desfrutar um do outro, e fielmente se unirem como auxiliares na educação de seus filhos, no governo da família e na administração dos negócios seculares.

3. Especialmente serem auxiliares na salvação um do outro: estimular um ao outro à fé, ao amor, à obediência e boas obras: advertir e ajudar um ao outro contra o pecado e todas as tentações; unirem-se no culto a Deus em família e em privado: preparar um ao outro para a proximidade da morte e confortar um ao outro com a esperança da vida eterna.

4. Evitar todas as dissensões, suportar unidos aquelas enfermidades que não podem ter cura em um ou no outro: acalmar, e não provocar, paixões incontroláveis; e, em coisas legítimas, agradar, satisfazer um ao outro.

5. Preservar a castidade e fidelidade conjugal, evitar toda conduta inadequada e imodesta em relação a outro que possa incitar ciúmes; e, ainda, evitar todo ciúme que seja injusto.

6. Ajudar um ao outro a suportar seus fardos (e não torná-los maiores com a impaciência). Na pobreza, tribulações, doença, perigos, confortar e apoiar um ao outro. E serem companheiros deleitáveis no amor santo, na esperança e deveres celestiais, quando todos os outros confortos externos falharem.

Seus Deveres

John Cotton, em seu A Meet Help (Uma Ajuda Adequada) escreve que o dever da esposa era "ficar em casa, educando seus

filhos, preservando e melhorando o que é conseguido pela indústria do homem". O historiador Edmund Morgan acrescenta que "o que o marido provia ela distribuía e transformava a fim de suprir as necessidades diárias da família. Ela transformava farinha em pão, lã em roupas e esticava os centavos para comprar o que ela não podia fazer". Em algumas casas, a esposa cuidava das finanças da família. Numa breve descrição puritana do trabalho pode-se ler: "Guiar a casa e não o marido". "É bem claro que, para os puritanos, ser uma esposa e mãe não era um trabalho: era um chamado".

Com relação a seu Marido

Da atitude da esposa puritana com relação a seu marido Morgan nos diz que "Ela deveria, portanto, vê-lo com reverência, uma mistura de amor e temor, não, contudo, um 'temor' de escravo, que é nutrido com ódio ou aversão; mas um temor nobre e generoso, que procede do amor". Ela não era serva ou escrava dele. Às vezes os homens eram multados até mesmo por sugerir tal coisa, especialmente se algum vizinho ouvisse isso sem querer e o reportasse às autoridades. O marido podia e com freqüência era punido pelas autoridades se ele batesse em sua esposa ou tentasse mandá-la fazer algo contra a lei de Deus.

Samuel Willard escreveu que o marido devia governar sua esposa de tal maneira que "sua esposa pudesse se deleitar nisso, e não tomasse isso como uma escravidão, mas liberdade e privilégio; e a esposa devia transmitir isso a seu marido de modo que ele ficasse contente com ela: e qualquer coisa que seja contrária a isso e seja doloroso para alguma das partes, deriva não do preceito, mas da corrupção que há nos corações dos homens".

O amor não era considerado algo extra, mas um dever, uma obrigação solene rendida alegremente. Na obra Well-Ordered Family (Família Bem-Ordenada) de Benjamim Wadsworth's, nós lemos: "... Se ela [a esposa] bate em seu marido (como algu-

mas descaradas, impudentes desgraçadas farão), se ela é cruel em sua conduta, usa linguagem ruim, é mal-humorada, de cara azeda, tão irritada que raramente come ou fala pouco; além disso, se ela negligencia manifestar amor real e amabilidade em suas palavras e em sua conduta, ela então dissimula sua profissão de cristianismo, ela desonra e provoca o Deus glorioso, pisa em sua autoridade; ela não apenas afronta seu marido, mas também a Deus, seu Autor, Legislador, e Juiz com esse seu comportamento ímpio".

A Estabilidade do Casamento

Os puritanos tomavam cuidados para preservar os casamentos e manter as pessoas casadas juntas. Freqüentemente, até mesmo as cortes judiciais sentiam ser este seu dever paternal. A uma mulher, por exemplo, foi dito pela corte que ela teria que permanecer em Boston e deveria retornar à sua casa e ao seu marido. Se uma esposa abandonava seu marido (ou vice-versa), ela deveria esperar uma multa, e o homem, multas e talvez açoites severos. Se um homem ou mulher viesse a Massachusetts sem seu marido ou esposa, eles podiam logo descobrir que sua permanência seria encurtada pela corte, a menos que eles pudessem provar que estavam em negócio temporário ou preparando um lugar para seu cônjuge antecipadamente. Se um cônjuge viesse sozinho da Inglaterra, ele ou ela seria embarcado de volta no barco seguinte. Cônjuges que fugissem se encontrados, eram freqüentemente forçados a retornar para casa e o casal seria mantido junto trancado até as dificuldades serem admitidamente resolvidas.

As leis não apenas forçavam que continuassem a coabitar, mas procurava que isso fosse feito de forma pacífica. Cada um era proibido pela lei de bater no outro ou usar linguagem abusiva. A lei se envolveria e até emitiria multas se eles encontrassem um homem ou senhora mantendo o que os magistrados pensavam ser uma companhia muito freqüente com outra pessoa que não

fosse o cônjuge. Na Nova Inglaterra o adultério era levado muito a sério e punido severamente. As punições variavam de multas a açoites, estigmatizar, o uso de uma grande letra "A", execuções simbólicas, e até mesmo, embora raramente, execuções reais.

Nosso governo hoje não tem um papel de forma tão típica em preservar casamentos (embora isto pareça estar mudando – casamentos do pacto no sul). Quão mais, então, os membros individuais na congregação deveriam estar tomando este papel em promover casamentos fortes e estáveis. Nós não estamos defendendo que as pessoas sejam bisbilhoteiras, mas sim que ajam com um senso de dever e amor cristão.

Amor

Embora houvesse ênfase na necessidade do amor em um casamento (também em nossa forma de casamento), os casais eram advertidos contra o amor imoderado. É triste que em nossos dias muitos cônjuges anseiem por mais amor de seus parceiros. Para os puritanos, alguém apreciar seu marido ou esposa de forma muito elevada era desarrumar a ordem da criação e descer à idolatria. John Cotton escreveu: "Quando nós nos deleitamos excessivamente em nossos maridos, ou esposas, ou filhos" isso "embrutece e turva a luz do Espírito". Homens e mulheres esqueceram seu Autor quando foram "tão transportados em sua afeição" que eles não objetivavam "nenhum fim mais elevado que o casamento em si mesmo". O verdadeiro amor marital tinha em vista que os homens casados deveriam "vê-las [i.e., suas esposas] não para seus próprios fins, mas para serem mais bem preparados para o serviço de Deus, e para trazê-los para mais perto de Deus".

Não era incomum para os ministros lembrar casais recém-casados a "amar um ao outro acima de tudo e de todos no mundo", embora eles freqüentemente acrescentassem a advertência: "Que se tenha cautela para que não amem desordenadamente, porque a morte logo os irá separar".

Cartas entre maridos e esposas piedosos com freqüência mostravam evidência deste balanço. Uma carta de um Rev. Edward Taylor de Connecticut começa: "Minha Dove, envio-lhe não meu coração, pois isso eu confio foi enviado aos Céus há muito tempo atrás... todavia, o mais daquilo que é permitido ser estendido sobre qualquer criatura seguramente e unicamente cai como sua porção". Cotton Mather escreveu sobre o leito de morte do Rev. Jonathan Burr, que disse a sua esposa: "Não gaste muito tempo comigo, mas vá, siga seu caminho e gaste algum tempo em oração: você não sabe o que pode obter de Deus; eu temo que você olhe muito para esta aflição".

J. I. Packer nos lembra em sua obra sobre os puritanos, Entre os Gigantes de Deus (editora FIEL), que nós podemos aprender uma importante lição dos puritanos a este respeito: ver e sentir mais a natureza transitória desta vida, e em particular, de nossos casamentos.

A vida puritana era difícil, e com freqüência muito passageira. Ouça esta extensa descrição de Packer:

> "Os puritanos experimentaram perseguição sistemática por sua fé; a idéia que temos hoje dos confortos de uma casa eram desconhecidas a eles; sua medicina e cirurgia eram rudimentares; eles não tinham aspirinas, tranqüilizantes, soníferos ou pílulas anti-depressivas, assim como não tinham nenhuma segurança social ou seguro; num mundo em que mais da metade da população adulta morria jovem e mais da metade das crianças nascidas morria na infância, (uma média de expectativa de vida inferior a apenas trinta anos, doenças, perigos, aflições, desconforto, dor e morte eram seus constantes companheiros. Eles estariam perdidos se não mantivessem seus olhos no céu e não conhecessem a si mesmos como peregrinos rumo ao lar na Cidade Celestial."
>
> "... a consciência dos puritanos de que no meio da vida nós estamos na morte, a apenas um passo da eternidade, deu-lhes uma profunda seriedade, calma embora apaixonada,

com respeito aos negócios da vida que os cristãos no mundo ocidental de hoje opulento, mimado, materialista, raramente conseguem se igualar. Eu penso que poucos de nós vivem diariamente à margem da eternidade da forma consciente que os puritanos viveram, e o resultado é que nós ficamos na desvantagem". "Eles tinham um 'realismo matéria-de-fato' com o qual eles se preparavam para a morte, como se sempre se encontrassem, como por dizer, de mala arrumada, prontos para ir. Calculando assim, a morte trouxe apreciação por cada dia de vida contínua; e o conhecimento de que Deus decidiria afinal, sem consultá-los, quando seu trabalho na terra estivesse terminado, trouxe energia para o próprio trabalho enquanto ainda lhes era dado tempo para prosseguir nele".

VI. A Mãe Puritana

Embora o marido fosse sempre considerado a autoridade final em casa, com relação aos filhos e/ou servos, ele devia permitir à esposa o lugar apropriado de autoridade sobre eles. O marido e os filhos deviam respeitá-la dessa forma. De fato, uma comissão teológica publicou nessa época: "... pois, embora o marido seja cabeça da esposa, todavia ela é cabeça da família".

O lugar da mãe puritana certamente era em casa. Um puritano 'tardio', Benjamim Morgan Palmer, escreveu: "A esposa encontra seu mundo no lar, cujo cuidado pertence profissionalmente a ela. É sua função presidi-lo, assim como é a do juiz sentar na tribuna... ou a do mercador se mover nos círculos do comércio". A seguir, Palmer descreve as diferentes esferas de influência designadas por Deus ao marido e esposa, concluindo: "Tão logo os limites entre eles sejam bem definidos, e nenhuma parte seja disposta a invadir a província designada por natureza ao outro, sérias colisões serão evitadas".

Palmer ressalta que se a esposa vive com respeito apropriado por seu marido, ela pode se dar como exemplo para seus filhos do por que a obediência deles a seu pai pode ser perfeitamente consistente com seu respeito próprio e felicidade. Ele escreve: "A esposa não impõe nada que ela mesma, hora após hora, não pratique. No momento em que ela ordena, ela lidera no modo de obedecer". As crianças não precisam aprender essa lição com palavras: tudo pode ser compreendido num relance de olhos. Isto é, ele ressalta, de fato nada diferente daquilo que o próprio Senhor Jesus fez. Jesus voluntariamente colocou-Se sob o doce jugo de Seu Pai, mesmo até à morte, e foi altamente exaltado por ter feito assim. A mãe puritana devia fazer o mesmo.

Educação das Crianças

Damos a volta completa ao considerarmos agora a mãe puritana treinando a próxima geração de moças puritanas. Benjamim Palmer nos fornece uma advertência na hora certa, mesmo quando ele exorta os pais puritanos quanto ao método de treino que eles põem em prática com seus filhos. Ele ressalta, criando suspense nos detalhes, que método provavelmente terminará em tristeza. Ele chama a atenção, em primeiro lugar, contra o lar...

1. Onde há severidade, rigor habitual, mantendo a criança angustiada, e nunca penetrando com simpatia vivaz nas alegrias e tristezas dele ou dela. Ele acautela sobre ser muito reservado, muito absorvido nas preocupações dos negócios, muito temeroso de adentrar no simples mundo de nossos filhos. Ele conclui este ponto dizendo que um pai que evita esta cilada "governa fácil e bem, e governa quase sem freio ou rédea".

2. O perigo da extorsão constante e dura do dever requerido. Não deixe que a única voz paternal ouvida seja a que manda, ele adverte. Um pai, ele continua, é mais do que um supervisor.

Um filho, ele conclui, deve ser capaz de sentar à luz do sorriso de seus pais e regozijar-se em seu amor.

3. Há o perigo da crítica supérflua e sarcástica. Ninguém deve estar sob alerta para achar faltas. Ele escreve: "É melhor deixar a manga da jaqueta dilacerada do que, pior, dilacerar o coração do menino, que é repelido por um pai a quem ele deve prestar contas de todo contratempo...". Ao contrário, onde houver um desejo evidente por parte da criança para agradar, reconheça e encoraje o mesmo, ainda que a maneira de expressar não seja no geral satisfatória.

4. Evite favoritismo e comparações depreciativas entre uma criança e outra. O ciúme surgido dessa forma "queima como carvão de zimbro no coração que se sente rejeitado".

5. Acautele-se do castigo severo infligido pela raiva ou em grau excessivo. Ele escreve que a criança pode rapidamente discernir entre a punição que é merecida daquela que é produto da raiva excessiva. Nunca humilhe ou degrade, mas antes corrija para correção.

6. Finalmente, conforme nossas crianças forem ficando mais velhas, tenha cuidado para não reter autoridade quando deveria gradualmente ser dado caminho à persuasão. Ele escreve: "É uma parte do próprio treinamento lançar a jovem águia sob suas próprias asas a balançar no ar. O jovem de dezesseis não pode ser governado como o menino de seis anos; e perde sua chance o pai que não for capaz de, quieta e gradativamente, substituir sua influência no lugar de autoridade... Sabedoria e tato são requeridos para se efetivar a mudança. Mas, como o tempo em que o exercício da autoridade deverá cessar deve chegar, a maneira como se dará essa gentil abdicação deveria ser objeto de estudo dos pais".

Quem de nós não recua com culpa ao ouvirmos essas advertências? Possa Deus não apenas perdoar nossos pecados, mas nos dar graça para andar no caminho bom e correto no que se refere a nossos filhos.

V. Conclusões

1. Primeiro, nós não devemos esquecer que os puritanos eram pessoas como nós. Eles tinham seus temperamentos, seus fracassos, seus pecados, exatamente como nós temos. Mas eles exibiam, sim, no todo, uma séria determinação, pela graça de Deus, de viver tão próximo do padrão bíblico quanto eles podiam discernir que devia ser. Eles levavam a Palavra de Deus mais a sério do que qualquer outra coisa na vida. Nós precisamos disso também.

2. Os puritanos eram sujeitos a muitas provações e dificuldades. Isso foi usado por Deus para moldá-los em um povo cujo foco da vida não estava nesta vida. Deus usava seus freqüentes encontros com a morte para dar-lhes uma "outra-mundanidade" – Eles verdadeiramente viviam como peregrinos e estrangeiros na terra. Esta visão penetrou na educação das suas crianças e penetrou no ainda mais privado recesso da vida humana, a ligação marital. Nós precisamos da graça de Deus para viver em todos os tempos à vista da eternidade e das coisas eternas.

3. A mulher puritana era uma mulher que não apenas estava contente em viver conforme o padrão bíblico de Deus, mas era entusiasta em fazer isso, aperfeiçoando quase como uma ciência como ela poderia viver esse padrão em toda a sua plenitude e complexidade. Nós costuramos vestidos usando modelos. Ela costurava sua vida pelo modelo da Escritura.

4. A visão puritana afinal cedeu lugar à invasão do mundanismo de nossa época. Creio que nós também estamos perdendo

rapidamente os distintivos deixando-os para um mundo rapidamente invasor. Eu temo que nós todos temos captado muito mais do espírito deste século do que nós percebemos. Precisamos da graça de Deus para nos arrepender e procurar retomar, por Sua força, o terreno perdido.

5. Nós apenas poderemos fazer isso quando novamente e seriamente considerarmos nosso papel ordenado por Deus na educação de nossos filhos. Sejam eles ensinados em casa ou educados em uma escola cristã, nós nunca podemos "abandonar" a responsabilidade do treino de nossas crianças passando-a para outros. Nós temos que ser diligentes e vigilantes para ficarmos seguros de que não apenas o nome da educação de nossos filhos seja "cristão", mas que a substância dela o seja. Nenhuma escola ou igreja pode se responsabilizar pelos votos que você fez quando seu filho foi batizado. Você terá que responder por esse filho no último dia.

7. Estudar, buscar, orar, aplicar as Escrituras – este era o coração da vida puritana. Nós podemos aprender com eles. Nós não apenas devemos buscar direção da Palavra de Deus, mas nós podemos, com a bênção de Deus, também aprender muito de nossos antepassados através de seus escritos. Nunca deixe os escritos dos homens suplantarem a Palavra de Deus. Mas, sim, permita esses escritos complementarem sua leitura das Escrituras.

O que John Geree escreveu sobre o Caráter de um Velho Puritano Inglês poderia ser corretamente aplicado à mulher puritana que nós temos tentado expor para você hoje. Ela era... [uma mulher franca], firme em todo o tempo, de modo que aqueles que, no meio de muitas opiniões, tinham perdido a visão da verdadeira religião pudessem retornar a ela e encontrá-la ali.

FIM

O Rev. David Lipsy é pastor da Grace Reformed Christian Church, Arkansas, USA. É casado com Ruth desde 1981 e são abençoados com oito filhos e dois netos. Depois de participar de Rutgers College of Pharmacy por quatro anos, completou a licenciatura em Educação em Lakeland College e serviu 14 anos como professor da escola cristã em Wisconsin. M. Div. no Puritan Reformed Theological Seminary (PRTs) em Grand Rapids, MI e completou programas de certificação introdutório e avançado em Aconselhamento Bíblico no aconselhamento cristão e Fundação Educacional de Glenside, PA. Ele está próximo de completar o Doutorado do programa no Ministério Aconselhamento Pastoral de Westminster Seminary, na Filadélfia. Atua no Conselho de Administração da PRTS bem como Covenant College, na Zâmbia, na África, periodicamente ensina em ambas as instituições. Pastoreou a Congregação Reformada Heritage of New Jersey 1999-2008. Em 25 de julho de 2008, foi empossado como nosso pastor.

A Mulher Puritana

EDITORA
OS PURITANOS